

PROGRAMA DE REDUÇÃO DO COMPORTAMENTO AGRESSIVO ENTRE ESTUDANTES

Todas as crianças e adolescentes têm direito a escolas onde existam alegria, amizade, solidariedade e respeito às características individuais de cada um deles.

Coordenação Técnico-Científica:

Aramis Antonio Lopes Neto

Lauro Monteiro Filho

Lucia Helena Saavedra

APRESENTAÇÃO

A ABRAPIA, contando com o patrocínio da PETROBRAS, realizou um Programa que visou diagnosticar e implementar ações efetivas para a redução do comportamento agressivo entre estudantes de 11 escolas localizadas no Município do Rio de Janeiro, com objetivo de sensibilizar educadores, famílias e sociedade para a existência do problema e suas conseqüências, buscando despertá-los para o reconhecimento do direito de toda criança e adolescente a freqüentar uma escola segura e solidária, capaz de gerar cidadãos conscientes do respeito à pessoa humana e às suas diferenças.

CONCEITUAÇÃO

O que é Bullying?

O termo BULLYING compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima.

Por não existir uma palavra na língua portuguesa capaz de expressar todas as situações de BULLYING possíveis, o quadro, a seguir, relaciona algumas ações que podem estar presentes:

Colocar apelidos	Excluir	Dominar
Ofender	Isolar	Agredir
Zoar	Ignorar	Bater
Gozar	Intimidar	Chutar
Encarnar	Perseguir	Empurrar
Sacanear	Assediar	Ferir
Humilhar	Aterrorizar	Roubar
Fazer sofrer	Amedrontar	Quebrar pertences
Discriminar	Tiranicar	

E onde o Bullying ocorre?

O BULLYING é um problema mundial, sendo encontrado em toda e qualquer escola, não estando restrito a nenhum tipo específico de instituição: primária ou secundária, pública ou privada, rural ou urbana. Pode-se afirmar que as escolas que não admitem a ocorrência de BULLYING entre seus alunos, ou desconhecem o problema, ou se negam a enfrentá-lo.

De que maneira os alunos se envolvem com o Bullying?

Seja qual for a atuação de cada aluno, algumas características podem ser destacadas, como relacionadas aos papéis que venham a representar:

- ✓ **alvos** de Bullying - são os alunos que só sofrem BULLYING;
- ✓ **alvos/autores** de Bullying - são os alunos que ora sofrem, ora praticam BULLYING;
- ✓ **autores** de Bullying - são os alunos que só praticam BULLYING;
- ✓ **testemunhas** de Bullying - são os alunos que não sofrem nem praticam Bullying, mas convivem em um ambiente onde isso ocorre.

§ Os autores são, comumente, indivíduos que têm pouca empatia. Frequentemente, pertencem a famílias desestruturadas, nas quais há pouco relacionamento afetivo entre seus membros. Seus pais exercem uma supervisão pobre sobre eles, toleram e oferecem como modelo para solucionar conflitos o comportamento agressivo ou explosivo. Admite-se que os que praticam o BULLYING têm grande probabilidade de se tornarem adultos com comportamentos anti-sociais e/ou violentos, podendo vir a adotar, inclusive, atitudes delinquentes ou criminosas.

§ Os alvos são pessoas ou grupos que são prejudicados ou que sofrem as conseqüências dos comportamentos de outros e que não dispõem de recursos, status ou habilidade para reagir ou fazer cessar os atos danosos contra si. São, geralmente, pouco sociáveis. Um forte sentimento de insegurança os impede de solicitar ajuda. São pessoas sem esperança quanto às possibilidades de se adequarem ao grupo. A baixa auto-estima é agravada por intervenções críticas ou pela indiferença dos adultos sobre seu sofrimento. Alguns crêem ser merecedores do que lhes é imposto. Têm poucos amigos, são passivos, quietos e não reagem efetivamente aos atos de agressividade sofridos. Muitos passam a ter baixo desempenho escolar, resistem ou recusam-se a ir para a escola, chegando a simular doenças. Trocam de colégio com freqüência, ou abandonam os estudos. Há jovens que extrema depressão acabam tentando ou cometendo o suicídio.

§ As testemunhas, representadas pela grande maioria dos alunos, convivem com a violência e se calam em razão do temor de se tornarem as "próximas vítimas". Apesar de não sofrerem as agressões diretamente, muitas delas podem se sentir incomodadas com o que vêem e inseguras sobre o que fazer. Algumas reagem negativamente diante da violação de seu direito a aprender em um ambiente seguro, solidário e sem temores. Tudo isso pode influenciar negativamente sobre sua capacidade de progredir acadêmica e socialmente.

E o Bullying envolve muita gente?

A pesquisa mais extensa sobre BULLYING, realizada na Grã Bretanha, registra que 37% dos alunos do primeiro grau e 10% do segundo grau admitem ter sofrido BULLYING, pelo menos, uma vez por semana.

O levantamento realizado pela ABRAPIA, em 2002, envolvendo 5875 estudantes de 5a a 8a séries, de onze escolas localizadas no município do Rio de Janeiro, revelou que 40,5% desses alunos admitiram ter estado diretamente envolvidos em atos de Bullying, naquele ano, sendo 16,9% alvos, 10,9% alvos/autores e 12,7% autores de Bullying.

Os meninos, com uma freqüência muito maior, estão mais envolvidos com o Bullying, tanto como autores quanto como alvos. Já entre as meninas, embora com

menor freqüência, o BULLYING também ocorre e se caracteriza, principalmente, como prática de exclusão ou difamação.

Quais são as conseqüências do Bullying sobre o ambiente escolar?

Quando não há intervenções efetivas contra o BULLYING, o ambiente escolar torna-se totalmente contaminado. Todas as crianças, sem exceção, são afetadas negativamente, passando a experimentar sentimentos de ansiedade e medo. Alguns alunos, que testemunham as situações de BULLYING, quando percebem que o comportamento agressivo não trás nenhuma conseqüência a quem o pratica, poderão achar por bem adotá-lo.

Alguns dos casos citados na imprensa, como o ocorrido na cidade de Taiúva, interior de São Paulo, no início de 2003, nos quais um ou mais alunos entraram armados na escola, atirando contra quem estivesse a sua frente, retratavam reações de crianças vítimas de BULLYING. Merecem destaque algumas reflexões sobre isso:

- ✓ depois de muito sofrerem, esses alunos utilizaram a arma como instrumento de "superação" do poder que os subjugava.
- ✓ seus alvos, em praticamente todos os casos, não eram os alunos que os agrediam ou intimidavam. Quando resolveram reagir, o fizeram contra todos da escola, pois todos teriam se omitido e ignorado seus sentimentos e sofrimento.

As medidas adotadas pela escola para o controle do BULLYING, se bem aplicadas e envolvendo toda a comunidade escolar, contribuirão positivamente para a formação de uma cultura de não violência na sociedade.

Quais são as conseqüências possíveis para os alvos?

As crianças que sofrem BULLYING, dependendo de suas características individuais e de suas relações com os meios em que vivem, em especial as famílias, poderão não superar, parcial ou totalmente, os traumas sofridos na escola. Poderão crescer com sentimentos negativos, especialmente com baixa auto-estima, tornando-se adultos com sérios problemas de relacionamento. Poderão assumir, também, um comportamento agressivo. Mais tarde poderão vir a sofrer ou a praticar o BULLYING no trabalho (Workplace BULLYING). Em casos extremos, alguns deles poderão tentar ou a cometer suicídio.

E para os autores?

Aqueles que praticam Bullying contra seus colega poderão levar para a vida adulta o mesmo comportamento anti-social, adotando atitudes agressivas no seio familiar (violência doméstica) ou no ambiente de trabalho.

Estudos realizados em diversos países já sinalizam para a possibilidade de que autores de Bullying na época da escola venham a se envolver, mais tarde, em atos de delinqüência ou criminosos.

E quanto às testemunhas?

As testemunhas também se vêem afetadas por esse ambiente de tensão, tornando-se inseguras e temerosas de que possam vir a se tornar as próximas vítimas.

ESTUDOS INICIAIS

Um breve histórico

Entende-se por BULLYING todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executado dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima.

Diversos pesquisadores em todo o mundo têm direcionado seus estudos para esse fenômeno que toma aspectos preocupantes, tanto pelo seu crescimento, quanto por atingir faixas etárias, cada vez mais baixas, relativas aos primeiros anos de escolaridade. Dados recentes apontam no sentido da sua disseminação por todas as classes sociais e uma tendência para um aumento rápido desse comportamento com o avanço da idade, da infância à adolescência.

No estudo realizado pela ABRAPIA, 40,5% dos 5785 alunos de 5ª a 8ª séries participantes admitiram estar diretamente envolvidos em atos agressivos na escola.

Durante a década de 90, ocorreu na Europa, um número considerável de pesquisas e campanhas que conseguiram reduzir a incidência de comportamentos agressivos nas escolas.

Tudo teve início com os trabalhos do Professor Dan Olweus, na Universidade de Bergen – Noruega (1978 a 1993) e com a Campanha Nacional Anti-BULLYING nas escolas norueguesas (1993). No início dos anos 70, Dan Olweus iniciava investigações na escola sobre o problema dos agressores e suas vítimas, embora não se verificasse um interesse das instituições sobre o assunto. Já na década de 80, três rapazes entre 10 e 14 anos, cometeram suicídio. Estes incidentes pareciam ter sido provocados por situações graves de BULLYING, despertando, então, a atenção das instituições de ensino para o problema.

Olweus pesquisou inicialmente cerca de 84.000 estudantes, 300 a 400 professores e 1.000 pais entre os vários períodos de ensino. Um fator fundamental para a pesquisa sobre a prevenção do BULLYING foi avaliar a sua natureza e ocorrência. Como os estudos de observação direta ou indireta são demorados, o procedimento adotado foi o uso de questionários, o que serviu para fazer a verificação das características e extensão do BULLYING, bem como avaliar o impacto das intervenções que já vinham sendo adotadas.

Nos estudos noruegueses utilizou-se um questionário proposto por Olweus, consistindo de um total de 25 questões com respostas de múltipla escolha, onde se verificava a frequência, tipos de agressões, locais de maior risco, tipos de agressores e percepções individuais quanto ao número de agressores (Olweus, 1993a). Este instrumento destinava-se a apurar as situações de

vitimização/agressão segundo o ponto de vista da própria criança. Ele foi adaptado e utilizado em diversos estudos, em vários países, inclusive no Brasil, pela ABRAPIA, possibilitando assim, o estabelecimento de comparações inter-culturais.

Os primeiros resultados sobre o diagnóstico do BULLYING foram informados por Olweus (1989) e por Roland (1989), e por eles se verificou que 1 em cada 7 estudantes estava envolvido em caso de BULLYING. Em 1993, Olweus publicou o livro "BULLYING at School" apresentando e discutindo o problema, os resultados de seu estudo, projetos de intervenção e uma relação de sinais ou sintomas que poderiam ajudar a identificar possíveis agressores e vítimas. Essa obra deu origem a uma Campanha Nacional, com o apoio do Governo Norueguês, que reduziu em cerca de 50% os casos de BULLYING nas escolas. Sua repercussão em outros países, como o Reino Unido, Canadá e Portugal, incentivou essas nações a desenvolverem suas próprias ações.

O programa de intervenção proposto por Olweus tinha como características principais desenvolver regras claras contra o BULLYING nas escolas, alcançar um envolvimento ativo por parte de professores e pais, aumentar a conscientização do problema, avançando no sentido de eliminar alguns mitos sobre o BULLYING, e prover apoio e proteção para as vítimas. Com o sucesso da Campanha Nacional Anti-Bullying realizada na Noruega, diversas campanhas e estudos seguiram o mesmo caminho, dos quais podemos destacar o The DES Sheffield Bullying Project-UK, a Campanha Anti-Bullying nas Escolas Portuguesas e o Programa de Educação para a Tolerância e Prevenção da Violência na Espanha, entre outros.

Programas propostos

Atualmente, diversas pesquisas e programas de intervenção anti-bullying vêm se desenvolvendo na Europa e na América do Norte. Recentemente um projeto internacional europeu, intitulado "Training and Mobility of Research (TMR) Network Project : Nature and Prevention of Bullying", mantido pela Comissão Européia, teve a sua conclusão em 2001. Este projeto, que englobava Campanhas do Reino Unido, Portugal, Itália, Alemanha, Grécia e Espanha, teve os seguintes objetivos:

- ✓ diagnosticar as causas e naturezas do BULLYING e da exclusão social nas escolas;
- ✓ verificar as causas desses problemas em diferentes sociedades e culturas;
- ✓ verificar as conseqüências em longo prazo, até a vida adulta;
- ✓ avaliar os programas de intervenção prósperos;
- ✓ identificar modos de prevenção desses problemas, por meio da integração de diferentes metodologias de estudo.

Alguns aspectos observados nestes Programas foram:

- a) A maior parte dos alunos entrevistados diz nunca ter sofrido situações de BULLYING na escola;
- b) A maioria dos agressores encontra-se na própria sala das vítimas, principalmente nas séries iniciais;
- c) Os meninos tendem a ser agredidos principalmente por meninos, enquanto que as meninas por ambos os sexos. Os meninos também admitem agredir mais do que as meninas;

- d) As agressões ocorrem principalmente durante os recreios e na sala de aula;
- e) A metade dos alunos entrevistados espera que o professor intervenha nas situações de agressão na sala de aula.
- f) Entre os alunos que se dizem agredidos, 50% admitem que não informam o ocorrido nem aos professores e nem a seus responsáveis.

Diversas discussões com os representantes das escolas participantes no programa foram desenvolvidas para obtenção de alguns princípios básicos na política de intervenção. Dentre as ações implementadas deve ser destacado o envolvimento de professores, pais, autoridades educacionais e alunos, buscando definir com clareza o fenômeno do BULLYING, e estabelecer as diretrizes necessárias para o desenvolvimento de estratégias que possam ser executadas por todos.

O objetivo principal era o de sensibilizar toda a comunidade escolar para apoiar os alunos alvos de BULLYING, fazendo com que se sentissem seguros para falar sobre a violência que vinham sofrendo.

O Programa entendia as escolas como sistemas dinâmicos e complexos e que não poderiam ser tratadas de maneira uniforme, pois a realidade de cada uma delas é baseada nas experiências de seus alunos, de seus professores e da comunidade. Conseqüentemente, as estratégias e ações aplicadas deveriam ser definidas individualmente.

Estabeleceu-se que, em cada unidade de ensino, seria criado um Conselho, formado por representantes da comunidade escolar, capaz de definir e priorizar as ações, de acordo com os contextos sociais e políticos locais, buscando-se, assim, as soluções mais factíveis para a resolução dos problemas relacionados ao BULLYING.

Dois aspectos de grande relevância, identificados em todos esses Programas, mereceram destaque: o número expressivo de crianças envolvidas em práticas agressivas, seja como alvos, autores ou testemunhas, e a constatação de que o número de alvos é sempre superior ao número de autores.

A partir desses trabalhos, vários estudos foram realizados com a finalidade de verificar o fenômeno sob diversos aspectos. Hoje é reconhecido que o BULLYING, como fenômeno social, pode surgir em diversos contextos, como parte de problemas de relações pessoais entre adultos, jovens e crianças em diferentes locais, como: trabalho (workplace BULLYING), prisões, asilos de idosos, ambiente familiar, clubes e playgrounds, entre outros.

No Brasil, como reflexo dos trabalhos europeus, encontramos alguns estudos sobre BULLYING no ambiente escolar, realizadas recentemente:

- a) O trabalho realizado pela Prof.^a Marta Canfield e colaboradores (1997), em que as autoras procuraram observar os comportamentos agressivos apresentados pelas crianças em quatro escolas de ensino público em Santa Maria (RS), usando uma forma adaptada pela própria equipe do questionário de Dan Olweus (1989);
- b) As pesquisas realizadas pelos Profs. Israel Figueira e Carlos Neto, em 2000/2001, para diagnosticar o BULLYING em duas Escolas Municipais do Rio de Janeiro, usando uma forma adaptada do modelo de questionário do TMR;
- c) As pesquisas realizadas pela Profa. Cleodelice Aparecida Zonato Fante, em 2002, em escolas municipais do interior paulista, visando ao combate e à redução de comportamentos agressivos.

ESTRATÉGIAS SUGERIDAS PELO PROGRAMA DE REDUÇÃO DO BULLYING NAS ESCOLAS

Quais são as estratégias mais adequadas para a redução do Bullying nas escolas?

Não existem soluções simples para se combater o BULLYING. Trata-se de um problema complexo e de causas múltiplas. Portanto, cada escola deve desenvolver sua própria estratégia para reduzi-lo.

A escola deve agir precocemente contra o BULLYING. Quanto mais cedo o BULLYING cessar, melhor será o resultado para todos os alunos. Intervir imediatamente, tão logo seja identificada a existência de BULLYING na escola e manter atenção permanente sobre isso é a estratégia ideal. A única maneira de se combater o BULLYING é através da cooperação de todos os envolvidos: professores, funcionários, alunos e pais.

Quais são as etapas a serem cumpridas para se implantar um programa anti-Bullying?

- Primeira etapa: PESQUISANDO A REALIDADE

Este é o primeiro passo a ser dado e resume-se na aplicação de um questionário de pesquisa com a participação de todos os alunos da escola, antes de receberem qualquer tipo de informação sobre o BULLYING. Apenas um pequeno texto, apresentado no momento da aplicação, tenta situar os estudantes dentro de conceitos sobre os quais se deseja obter opiniões.

Os resultados dessa aplicação vão determinar a prevalência, incidência e conseqüências do BULLYING em cada escola. Seus dados caracterizam a percepção espontânea dos alunos sobre a existência de BULLYING e seus sentimentos sobre isso.

Nem mesmo os professores devem estar cientes sobre o tema. No momento da aplicação do instrumento, deve-se entregar a cada um deles uma carta, explicando o objetivo da pesquisa e fornecendo algumas orientações sobre a metodologia utilizada.

O questionário deve ser aplicado simultaneamente em todas as turmas de um mesmo turno, evitando-se a troca de informações nos corredores, ou a possível intimidação de alguns alunos-alvos de Bullying.

- Segunda etapa: EM BUSCA DE PARCERIAS

Uma vez analisados os resultados, todo o corpo docente deve ser informado e incentivado a discutir suas implicações, definindo que estratégias devem ser utilizadas durante o processo de divulgação e sensibilização dos alunos.

- Terceira etapa: FORMANDO UM GRUPO DE TRABALHO

Esse grupo deve ser composto por representantes de todos os segmentos da comunidade escolar, incluindo professores, funcionários, alunos e pais. Com base na realidade percebida por seus membros e com o auxílio dos dados da pesquisa, serão definidas coletivamente as ações a serem priorizadas e as táticas a serem adotadas.

- Quarta etapa: OUVINDO OPINIÕES

As propostas definidas pelo Grupo de Trabalho poderão ser submetidas a todos os alunos e funcionários, permitindo-se que sejam dadas sugestões sobre os compromissos e ações que a comunidade escolar deverá adotar para a prevenção e o controle do BULLYING.

- Quinta etapa: DEFININDO OS COMPROMISSOS

A definição da relação final dos compromissos e prioridades poderá ser feita em assembléia geral contando com todos os alunos, professores e funcionários ou, apenas, pelo Grupo de Trabalho.

- Sexta etapa: DIVULGANDO O TEMA

Os compromissos e prioridades deverão ser amplamente divulgados. Diversas cópias serão afixadas em vários locais da escola.

- Sétima etapa: INFORMANDO AOS PAIS

Os pais serão informados sobre os objetivos do projeto por meio de carta ou utilizando-se espaços dentro de reuniões organizadas pelas escolas.

PROGRAMA DESENVOLVIDO PELA ABRAPIA

Objetivos específicos

- ✓ Reduzir o Bullying nas escolas selecionadas.
- ✓ Criar um programa modelar no combate ao Bullying.
- ✓ Monitorar, avaliar e analisar a evolução do problema nas escolas.
- ✓ Criar referências para os alunos que precisam de apoio e proteção (agressores e vítimas) e para que denunciem as violências sofridas ou testemunhadas.
- ✓ Incentivar o protagonismo juvenil.
- ✓ Fortalecer e organizar ações já existentes nas escolas.

Operacionalização - Patrocínio e parcerias

Além do patrocínio da Petrobrás, o Programa conta com as parcerias da Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro e IBOPE.

Escolas participantes

A seguir aparece a relação das 11 escolas selecionadas para participar do Programa; 9 delas pertencem à rede pública municipal e 2 são particulares:

1. E.M. 02.08.023 MARC FERREZ
2. E.M. 05.15.011 EMBAIXADOR JOÃO NEVES DA FONTOURA
3. E.M. 01.02.005 CALOUSTE GULBEKIAN
4. E.M. 04.11.013 FERNANDO TUDE DE SOUZA
5. E.M. 07.24.015 SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA
6. E.M. 03.13.029 THOMAS MANN
7. E.M. 09.18.020 ROSÁRIA TROTTA
8. E.M. 10.19.035 IPEG
9. E.M. 02.04.011 JOAQUIM NABUCO
10. COLÉGIO SANTO INÁCIO
11. COLÉGIO TERESIANO

População alvo:

O universo populacional é composto por 7757 alunos de 5a a 8a séries do ensino fundamental, com idades entre 10 e 20 anos.

Conhecendo a realidade

A captação dos dados para a pesquisa foi feita por meio de um instrumento, cuja elaboração teve como referência o "Questionário sobre Bullying - Modelo TMR", adaptado por Ortega, Mora-Mérchan, Lera, Singer, Smith, Pereira & Menesini (1999), a partir do questionário original de Dan Olweus (1989). Esse instrumento foi respondido pela totalidade dos alunos de 5a a 8a séries, presentes no dia de sua aplicação em cada escola.

As escolas foram orientadas a aplicar o questionário em todas as turmas de cada turno, simultaneamente, evitando-se, dessa forma, a possibilidade de haver cruzamento de informações entre as turmas, ou de atos de intimidação entre os alunos.

A tabulação das respostas do questionário foi realizada pelo IBOPE e a análise dos dados feita pela coordenação do projeto.

CONSELHOS AOS PAIS E EDUCADORES

Indicadores de estar sendo alvo de Bullying

- ✓ Demonstrar falta de vontade de ir à escola.
- ✓ Sentir-se mal perto da hora de sair de casa.
- ✓ Pedir para trocar de escola.
- ✓ Revelar medo de ir ou voltar da escola.
- ✓ Pedir sempre para ser levado à escola.
- ✓ Mudar freqüentemente o trajeto entre a casa e a escola.
- ✓ Apresentar baixo rendimento escolar.
- ✓ Voltar da escola, repetidamente, com roupas ou livros rasgados.
- ✓ Chegar muitas vezes em casa com machucados inexplicáveis.
- ✓ Tornar-se uma pessoa fechada, arredia.
- ✓ Parecer angustiado, ansioso, deprimido.
- ✓ Apresentar manifestações de baixa auto-estima.
- ✓ Ter pesadelos freqüentes, chegando a gritar "socorro" ou "me deixa" durante o sono.
- ✓ "Perder", repetidas vezes, seus pertences, seu dinheiro.
- ✓ Pedir sempre mais dinheiro ou começar a tirar dinheiro da família.
- ✓ Evitar falar sobre o que está acontecendo, ou dar desculpas pouco convincentes para tudo.
- ✓ Tentar ou cometer suicídio.

Se seu filho (filha), apresenta alguns dos sinais descritos acima, pode ser que ele (ela) esteja sendo alvo de Bullying.

Tente conversar com ele sobre o assunto e, caso ele confirme sua suspeita, procure o professor e/ou a direção da escola para ajudarem a solucionar o problema.

Não exija dele o que ele não se sinta capaz de realizar!

Não o culpe pelo que está acontecendo!

Elogie sua atitude de relatar o que o está atormentando!

Quando a agressividade passa a ser Bullying?

É comum que as crianças passem por situações na vida, em que se sintam fragilizadas e em decorrência disso tornem-se temporariamente agressivas. Assim, o nascimento de um novo bebê na família, a separação dos pais ou a perda de algum parente próximo podem ser motivo para a mudança repentina no comportamento da criança. No entanto, normalmente, essa "tempestade" aos poucos vai passando e volta a "calmaria".

Mas, há casos em que se observa algo diferente: algumas crianças apresentam uma agressividade não apenas transitória, mas permanente. Parecem estar sempre provocando situações de briga.

Eis alguns motivos para que essas crianças se tornem agressores crônicos, possíveis autores de Bullying.

- ✓ Porque foram mal acostumadas e por isso esperam que todo mundo faça todas as suas vontades e atenda sempre às suas ordens.
- ✓ Gostam de experimentar a sensação de poder.
- ✓ Não se sentem bem com outras crianças, tendo dificuldade de relacionamento.
- ✓ Sentem-se inseguras e inadequadas.
- ✓ Sofrem intimidações ou são tratados como bodes expiatórios em suas casas.
- ✓ Já foram vítimas de algum tipo de abuso.
- ✓ São freqüentemente humilhadas pelos adultos.
- ✓ Vivem sob constante e intensa pressão para que tenham sucesso em suas atividades.

Evidentemente, essas crianças precisam de ajuda, mais do que de punição. Torna-se urgente dar assistência a elas, para que se possa interromper esse ciclo de violência que vai se instalando em suas vidas.

Agressores precisam de vítimas. E quem são as vítimas?

Geralmente, os autores de Bullying, procuram pessoas que tenham alguma característica que sirva de foco para suas agressões. Assim, é comum eles abordarem pessoas que apresentem algumas diferenças em relação ao grupo no qual estão inseridas, como por exemplo: obesidade, baixa estatura, deficiência física, ou outros aspectos culturais, étnicos ou religiosos. O que se verifica é que essas crianças são alvos mais visados e tornam-se mais vulneráveis ao Bullying, por possuírem algumas dessas características específicas.

Mas, o fato de sofrer Bullying não é culpa da vítima, pois ninguém pode ser responsabilizado por ser diferente!...

Na verdade, a diferença é apenas o pretexto para que o agressor satisfaça uma necessidade que é dele mesmo: a de agredir.

Tanto os pais, quanto as escolas, devem ajudar as crianças a lidarem com as diferenças, procurando questionar e trabalhar seus preconceitos. E uma das boas maneiras de se lidar com isso é promovendo debates, nos quais os jovens possam tomar consciência dessas questões e confrontar suas idéias com a de outros jovens.

Aos pais

Se você for informado de que seu(sua) filho(a) é um(a) autor(a) de Bullying, converse com ele(a) e:

- ✓ Saiba que ele(a) está precisando de ajuda.
- ✓ Não tente ignorar a situação, nem procure fazer de conta que está tudo bem.
- ✓ Procure manter a calma e controlar sua própria agressividade ao falar com ele(a). Mostre que a violência deve ser sempre evitada.
- ✓ Não o(a) agrida, nem o(a) intimide; isso só iria tornar a situação ainda pior.
- ✓ Mostre que você sabe o que está acontecendo, mas procure demonstrar que você o(a) ama, apesar de não aprovar esse seu comportamento.
- ✓ Converse com ele(a): procure saber porque ele(a) está agindo assim e o que poderia ser feito para ajudá-lo(a).

- ✓ Garanta a ele(a) que você quer ajudá-lo(a) e que vai buscar alguma maneira de fazer isso.
- ✓ Tente identificar algum problema atual que possa estar desencadeando esse tipo de comportamento. Nesse caso, ajude-o(a) a sair disso.
- ✓ Com o consentimento dele, entre em contato com a escola; converse com professores, funcionários e amigos que possam ajudá-lo(a) a compreender a situação.
- ✓ Dê orientações e limites firmes, capazes de ajudá-lo(a) a controlar seu comportamento.
- ✓ Procure auxiliá-lo(a) a encontrar meios não agressivos para expressar suas insatisfações.
- ✓ Encoraje-o(a) a pedir desculpas ao colega que ele(a) agrediu, seja pessoalmente ou por carta.
- ✓ Tente descobrir alguma coisa positiva em que ele(a) se destaque e que venha a melhorar sua auto-estima.
- ✓ Procure criar situações em que ele(a) possa se sair bem, elogiando-o(a) sempre que isso ocorrer.

Aos diretores, coordenadores e professores das escolas

Se vocês desejam reduzir o Bullying dentro das escolas , aqui vão alguns conselhos para lidar com isso.

- ✓ Desde o primeiro dia de aula, avisem aos alunos que não será tolerado Bullying nas dependências da escola. Todos devem se comprometer com isso: não o praticando e avisando à direção sempre que ocorrer um fato dessa natureza.
- ✓ Promovam debates sobre Bullying nas classes, fazendo com que o assunto seja bastante divulgado e assimilado pelos alunos.
- ✓ Estimulem os estudantes a fazerem pesquisas sobre o tema na escola, para saber o que alunos, professores e funcionários pensam sobre o Bullying e como acham que se deve lidar com esse assunto.
- ✓ Convoquem assembléias, promovam reuniões ou fixem cartazes, para que os resultados da pesquisa possam ser apresentados a todos os alunos.
- ✓ Facilitem a oportunidade de que os próprios alunos criem regras de disciplina para suas próprias classes. Essas regras, depois, devem ser comparadas com as regras gerais da escola, para que não haja incoerências.
- ✓ Da mesma maneira, permitam que os alunos busquem soluções capazes de modificar o comportamento e o ambiente.
- ✓ Sempre que ocorrer alguma situação de Bullying, procurem lidar com ela diretamente, investigando os fatos, conversando com autores e alvos. Quando ocorrerem situações relacionadas a uma causa específica, tentem trabalhar objetivamente essa questão, talvez por meio de algum projeto que aborde o tema. Evitem, no entanto, focalizar alguma criança em particular.
- ✓ Nos casos de ocorrência de Bullying, conversem com os alunos envolvidos e digam-lhes que seus pais serão chamados para que tomem ciência do ocorrido e participem junto com a escola da busca de soluções.
- ✓ Interfiram diretamente nos grupos, sempre que isso for necessário para quebrar a dinâmica de Bullying. Façam os alunos se sentarem em lugares

previamente indicados, mantendo afastados possíveis autores de Bullying, de seus alvos.

- ✓ Conversem com a turma sobre o assunto, discutindo sobre a necessidade de se respeitarem as diferenças de cada um. Reflita com eles sobre como deveria ser uma escola onde todos se sentissem felizes, seguros e respeitados.

Diga NÃO para o Bullying
Resultados Parciais de Pesquisa
realizada no período de novembro de 2002 e março de 2003.

Internacionalmente são estudadas duas formas de bullying: o bullying praticado na escola (school place bullying) e aquele praticado no ambiente de trabalho (work place bullying / assédio moral).

Há muitos anos já é intenso o trabalho desenvolvido sobre o bullying, em vários países, por instituições privadas e governamentais.

No Brasil as pesquisas e a atenção ao tema ainda se dão de forma incipiente.

A ABRAPIA se dedica a estudar, pesquisar e divulgar o bullying desde 2001, tendo a partir de 2003 implantado um programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes, em escolas do Rio.

Bullying – Pesquisa

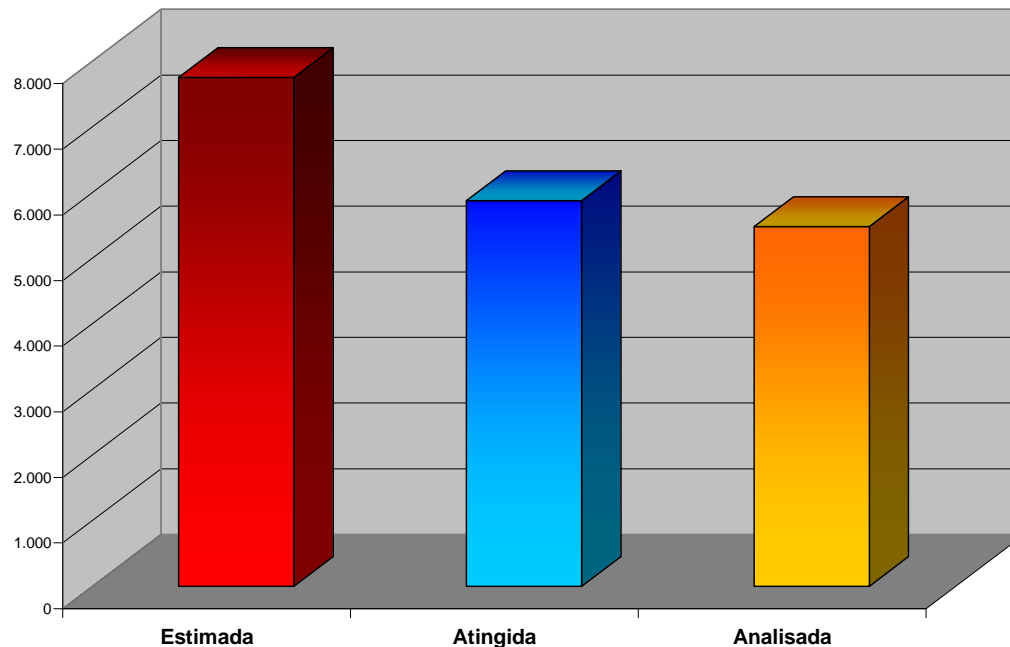
Com o apoio financeiro da Petrobras e em parceria com o IBGE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) e a Secretaria de Educação do Município do Rio de Janeiro, a ABRAPIA realizou uma pesquisa no período de novembro e dezembro de 2002 e março de 2003, através de questionários distribuídos a alunos de 5ª a 8ª série, de 11 escolas, sendo 9 públicas e 2 particulares. Alguns resultados dessa pesquisa estão divulgados abaixo. A íntegra foi publicada no livro “Diga Não ao Bullying”, editado pela ABRAPIA em 2003 e de autoria de Aramis Lopes Neto e Lucia Helena Saavedra.

Diga NÃO para o Bullying

Resultados Parciais de Pesquisa

realizada no período de novembro de 2002 e março de 2003.

População Alvo



População		
	Nº	%
Estimada	7.757	100%
Atingida	5.875	75,7%
Analisada	5.482	70,7%

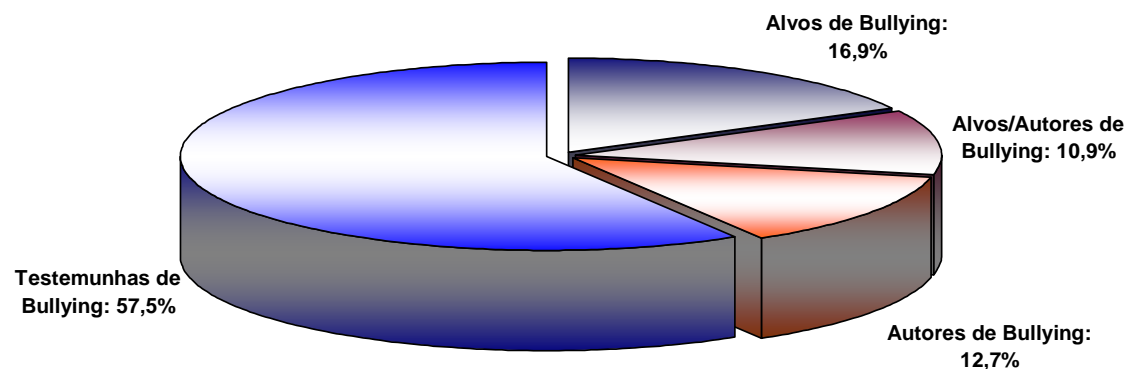
A idade média da população avaliada foi de 13,47 anos.

Houve um pequeno predomínio do sexo masculino (50,5%) sobre o sexo feminino (49,5%).

Dos 5.482 alunos participantes, 40,5% (2217) admitiram ter tido algum tipo de envolvimento direto na prática do bullying no ano de 2002, seja como alvo do bullying e/ou como autor.

Diga NÃO para o Bullying
Resultados Parciais de Pesquisa
realizada no período de novembro de 2002 e março de 2003.

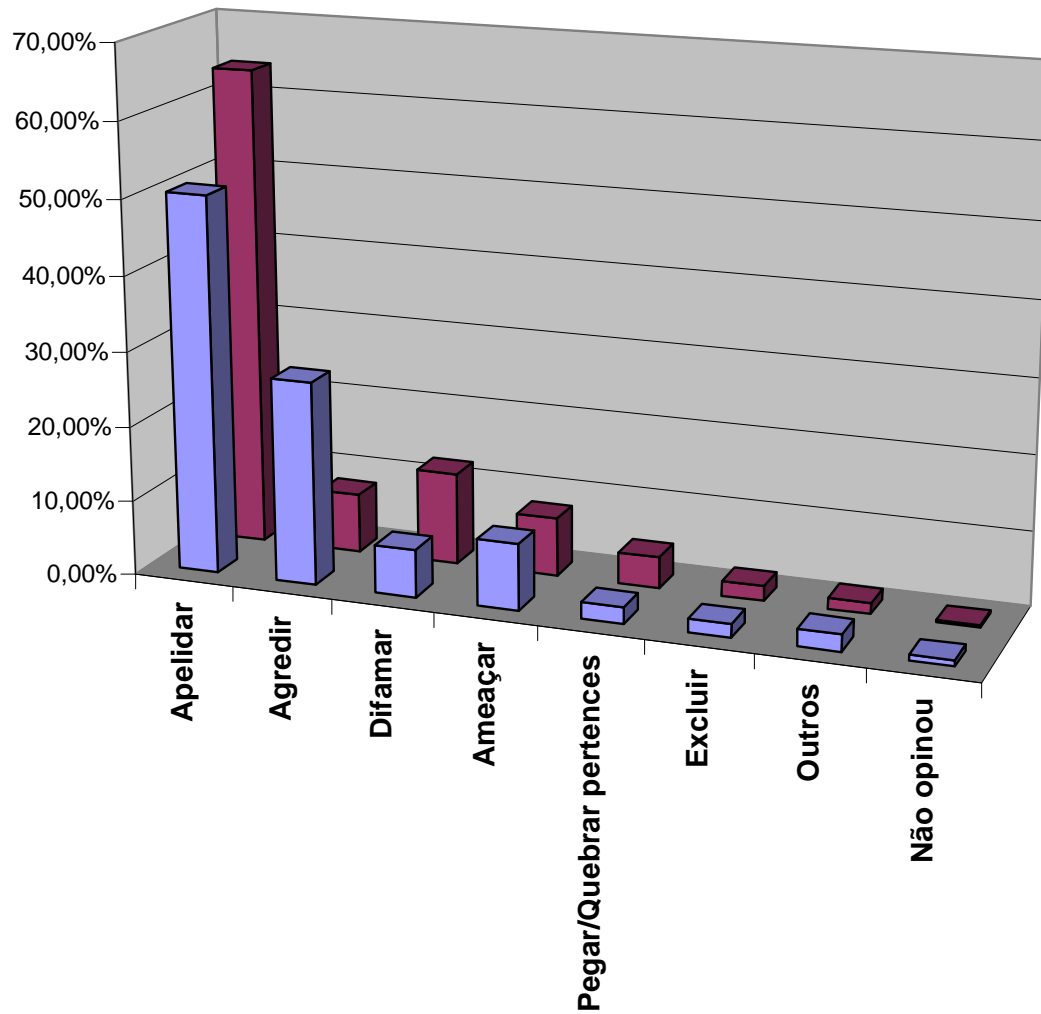
Participantes do Bullying



Participantes do Bullying	
Alvos de Bullying	16,9%
Alvos/Autores de Bullying	10,9%
Autores de Bullying	12,7%
Testemunhas de Bullying	57,5%

Diga NÃO para o Bullying
Resultados Parciais de Pesquisa
realizada no período de novembro de 2002 e março de 2003.

Tipos de bullying identificados

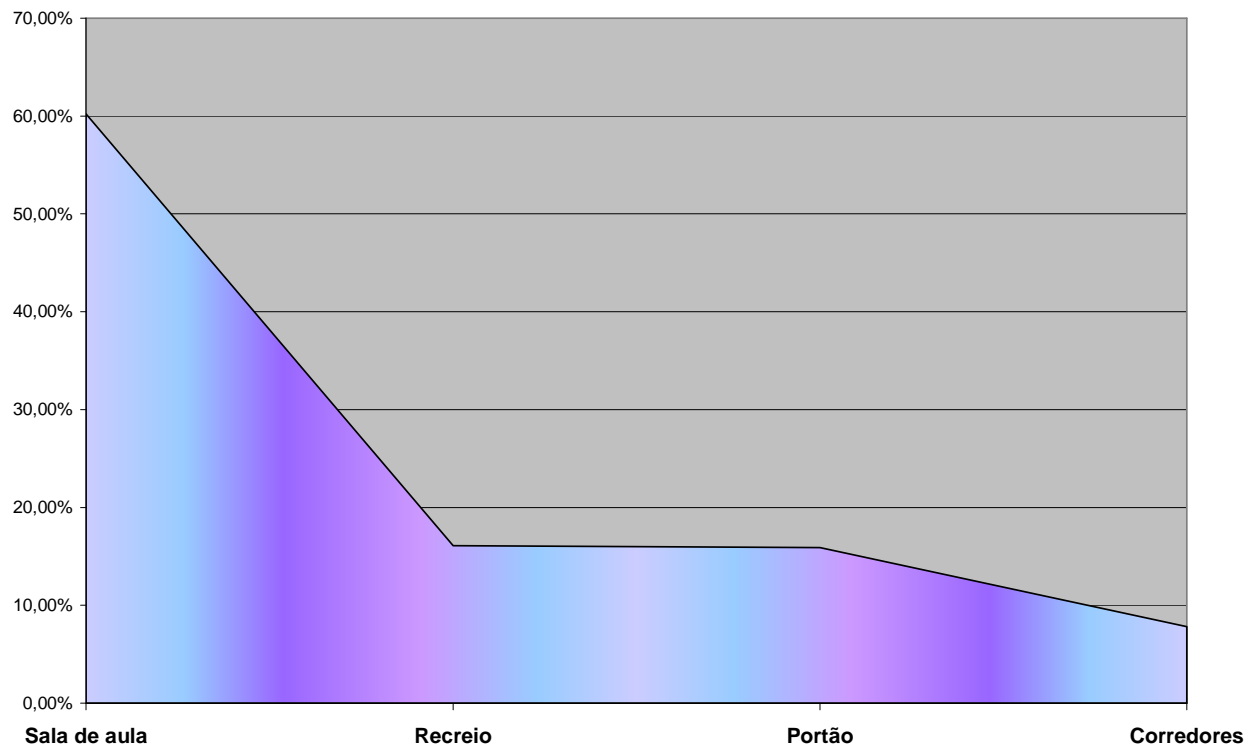


■ Masculino
 ■ Feminino

Tipos de Bullying			
	Geral	Masculino	Feminino
Apelidar	54,2%	50,4%	64,0%
Agredir	16,1%	27,2%	7,9%
Difamar	11,8%	6,4%	12,3%
Ameaçar	8,5%	8,9%	7,8%
Pegar/Quebrar pertences	4,7%	2,2%	4,2%
Excluir	2,5%	1,8%	2,0%
Outros	2,0%	2,3%	1,5%
Não opinou	0,2%	0,8%	0,3%
Total	100%	100%	100%

Diga NÃO para o Bullying
Resultados Parciais de Pesquisa
realizada no período de novembro de 2002 e março de 2003.

Locais onde ocorreram o bullying



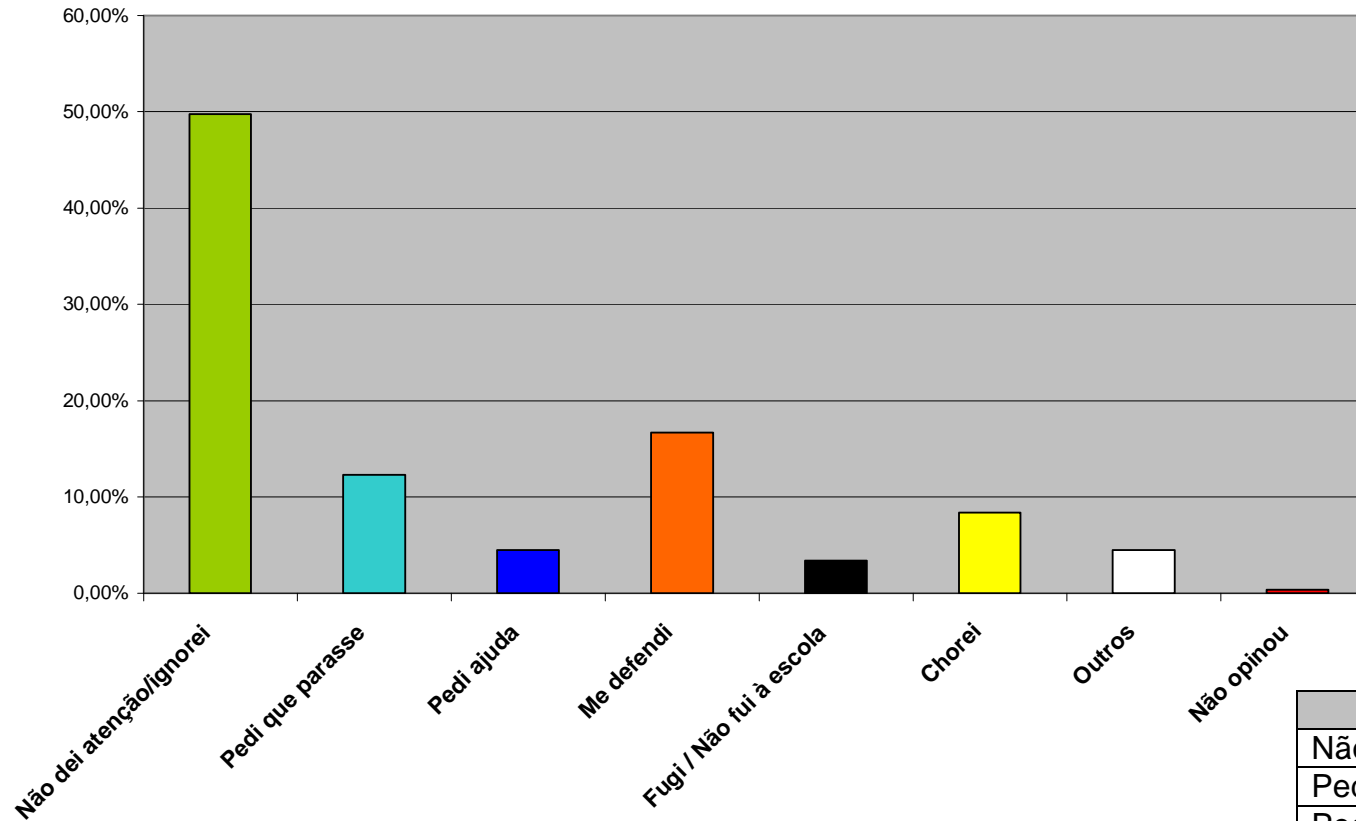
Locais de Bullying	
Sala de aula	60,2%
Recreio	16,1%
Portão	15,9%
Corredores	7,8%
Total	100%

Diga NÃO para o Bullying

Resultados Parciais de Pesquisa

realizada no período de novembro de 2002 e março de 2003.

Reações dos alunos alvos de bullying



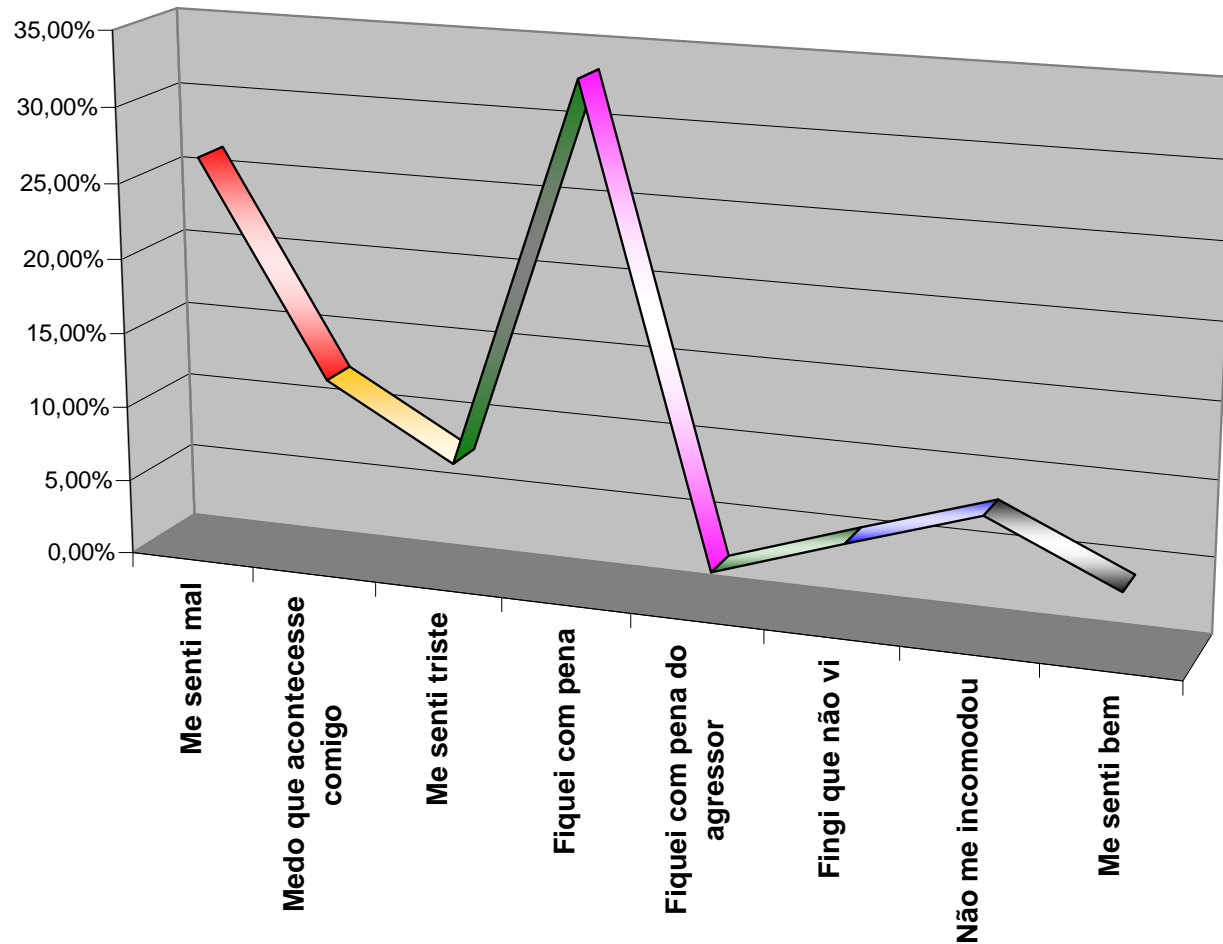
Reações dos Alunos-Alvos	
Não dei atenção/ignorei	49,8%
Pedi que parasse	12,3%
Pedi ajuda	4,5%
Me defendi	16,7%
Fugi / Não fui à escola	3,4%
Chorei	8,4%
Outros	4,5%
Não opinou	0,4%
Total	100%

Diga NÃO para o Bullying

Resultados Parciais de Pesquisa

realizada no período de novembro de 2002 e março de 2003.

Sentimentos admitidos pelos alunos testemunhas diante de situações de bullying na sua escola



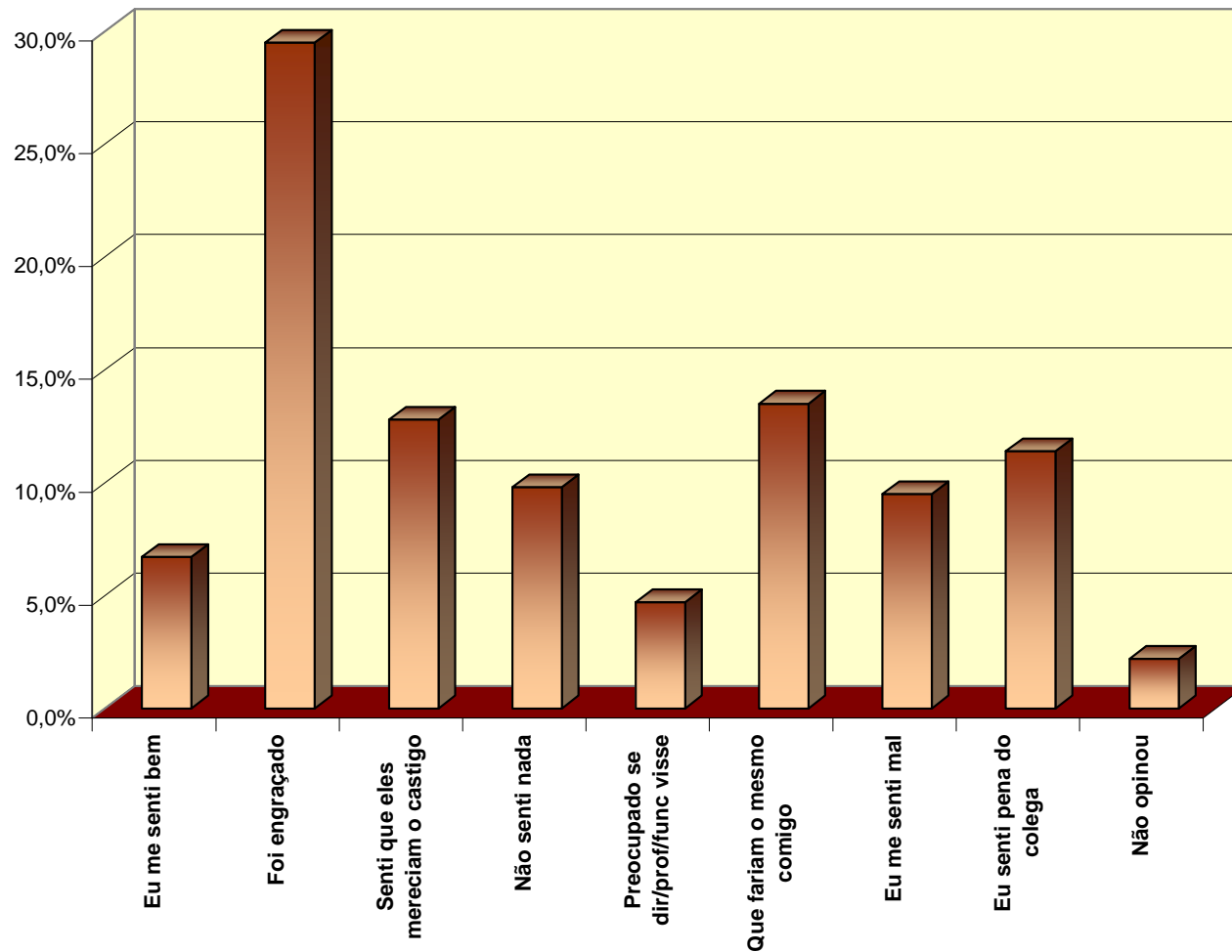
Sentimentos dos alunos-testemunhas	
Me senti mal	26,5%
Medo que acontecesse comigo	12,4%
Me senti triste	7,7%
Fiquei com pena	33,4%
Fiquei com pena do agressor	2,4%
Fingi que não vi	5,3%
Não me incomodou	8,1%
Me senti bem	4,2%
Total	100%

Diga NÃO para o Bullying

Resultados Parciais de Pesquisa

realizada no período de novembro de 2002 e março de 2003.

Sentimentos admitidos pelos alunos autores de bullying



Sentimentos dos alunos-autores	
Eu me senti bem	6,7%
Foi engraçado	29,5%
Senti que eles mereciam o castigo	12,8%
Não senti nada	9,8%
Preocupado se dir/prof/func visse	4,7%
Que fariam o mesmo comigo	13,5%
Eu me senti mal	9,5%
Eu senti pena do colega	11,4%
Não opinou	2,2%
Total	100%